

Guaianases europeu: imagens e histórias construídas nas representações de um bairro periférico da cidade de São Paulo

Sheila Alice Gomes da Silva¹

Resumo: Este trabalho emerge da pesquisa de mestrado em andamento, provisoriamente intitulada: *Negras Memórias: o bairro paulistano de Guaianases um território da Diáspora (1930 – 1960)*. Num diálogo entre memória e tempo presente, a partir de representações da história do bairro de Guaianases publicadas em anuários, folhetins, jornais e outras publicações, que evidenciam de maneira universalista uma memória europeia do bairro; objetivamos perceber como se constituiu essa identidade europeia nesse território, e/ou, que elementos trazidos por tais narrativas reconhecem essa identidade que permanece de maneira hegemônica no imaginário coletivo e na compreensão histórica desse território no nosso tempo.

Palavras-chave: Guaianases, Memória e representação, tempo presente e identidade hegemônica.

A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que ele sejam mentira mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.
(Chimamanda Adichie – escritora nigeriana)

Este trabalho emerge da pesquisa de mestrado, em andamento, provisoriamente intitulada: *Negras Memórias: o bairro paulistano de Guaianases um território da Diáspora (1930 – 1960)*, na qual buscamos entender como se constituíram as relações históricas e socioculturais entre os negros e o bairro paulistano de Guaianases, periferia – Zona Leste, durante o período de intensa urbanização e aumento demográfico, entre 1930 e 1960. Objetivamos *a priori* colaborar com uma revisão e produção historiográfica que traga vozes de outros sujeitos a fim de recuperar trajetórias, memórias, narrativas, fotos e documentos que dão sentido a presença e às relações dos sujeitos negros com esse território, fundamentando outra ancoragem interpretativa. No reconhecimento dos elementos socioculturais, econômicos e históricos, e analisando o processo de empoderamento deste território pela população negra, outrora segregada à margem da cidade num movimento urbanista - moderno e expropriatório elitista de base ideológica eurocêntrica; buscamos evidenciar as reorganizações e

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP. Texto produzido com financiamento da CAPES. Pesquisadora associada ao Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO), vinculado à PUC – SP. E-mail: sheilagomessilva@bol.com.br

ressignificações promovidas por estes sujeitos em busca da sobrevivência num lugar estranho, a partir do acesso às experiências do passado preservadas nas memórias e na oralidade negra presente no bairro.

Nesta apresentação para II Seminário Internacional História do Tempo Presente (PPGH/UDESC) focarei nas representações comuns e coletivas da história do bairro paulistano de Guaianases, no tempo presente.

O bairro de Guaianases está localizado no extremo leste da periferia da cidade de São Paulo, e segundo dados publicados pela Subprefeitura² do bairro, baseados no censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - 2010, compreende uma área geográfica de 17,8 Km² e uma população de 283,162 habitantes.

Nos últimos 30 anos, o bairro tem crescido verticalmente, com a construção de muitos conjuntos habitacionais e prédios comerciais, e horizontalmente, com a pavimentação de vias, a interligação com rodovias de fácil acesso a outras cidades e a canalização de rios, entre outros. O fluxo populacional é dinâmico e caracteriza-se pelas crescentes migrações das mais variadas regiões do Brasil e do próprio estado de São Paulo. Neste contexto marcado pela diversidade, o bairro reflete os dados trazidos pelo Censo demográfico 2010 – IBGE que demonstra o número populacional de negros maior que os de brancos em São Paulo, além de situar especificamente uma proporção maior de negros com relação a brancos se observado bairro a bairro no sentido centro-periferia. A cidade vai enegrecendo nas bordas, as periferias são territórios da diáspora e/ou territórios negros (ROLNIK, 1989).

Em uma oportunidade de pesquisa em documentos e fontes sobre o bairro, percebi-me diante de silêncios e ocultações de uma população que hoje é a própria identidade do bairro; o sujeito histórico negro que interage e constrói o lugar social não existe nos anais. A invisibilização dos negros na historiografia oficial não é um privilégio do bairro de Guaianases, segundo Munanga (2008) a dinâmica de formação da identidade brasileira pautou-se essencialmente em estratégias eugenistas, a fim de promover a imagem ideal da nação, e essa imagem era branca. O que proporciona a reafirmação dos modos dominantes de saber e reconhecer o mundo, ou, segundo Santos (2010) uma epistemologia embasada em pensamentos abissais que se formam a partir de uma lógica dominante, que promove a imagem de uma humanidade universal, que subalterniza, hierarquiza, oprime, invisibiliza,

² Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_de_mograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 20 set. 2013.

outros povos e culturas. Empurrando-os, em sentido lato, a uma espacialidade marginal e muitas vezes ao epistemicídio (SANTOS, 2010).

As epistemologias eurocêntricas ou ‘Epistemologias do Norte’ (SANTOS, 2010), encarregaram-se de sufocar saberes e de produzir uma desmemória coletiva, que ainda ecoa por grande parte da historiografia do país.

A história oficial celebrativa fundamentou-se no esquecimento do negro e de sua história; relegando – os a condição de não ser (MUNANGA, 2004). Segundo Le Goff (2003) o incentivo a desmemória de grupos sociais específicos constituiu um mecanismo de dominação impar as classes sociais controladoras dos processos econômicos e políticos na história da humanidade, “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (IBID, p.422). Santos (2010) também situa-nos quanto a esses mecanismos de denominação, que polarizam através do pensamento abissal o mundo em dois grupos: os superiores e os inferiores, os detentores de saberes universais ou episteme do Norte, e os que não detêm qualquer saber compreensível e relevante, a episteme do Sul. Le Goff (2003) traz um conceito de memória ancorada nas ciências humanas, em nosso caso, especificamente na história. Traçando uma relação dialética entre Memória e História, de resgate e dismantelamento, subversiva, desveladora da memória social; uma relação que nos possibilita adentrar em novos espaços de produção de conhecimento e dos problemas do tempo e da história.

O projeto prático de identidade brasileira e da construção de uma cidade moderna, nesse caso São Paulo, não incluía o negro. São os imigrantes europeus que chegam para substituir os negros nos trabalhos rurais, a partir do final do século XIX, numa estratégia racional empreendida pelo governo brasileiro para embranquecer a nação e o território. Segundo Rolnik (1989): “A face urbana desse processo é uma espécie de projeto de ‘limpeza’ da cidade, baseado na construção de um modelo urbanístico (...)” que se completa no apagamento das memórias negras. Os espaços que eram predominantemente negros passavam a ser ocupados pelos europeus, num movimento moderno e urbano que na verdade deu corpo a “segregação urbana” marcada “por uma espécie de zoneamento social” (IBID, p.6).

Numa violência trazida pela incursão do poder policial nos territórios negros, ações higienizadoras são empreendidas contra essas populações, habitantes desses cobiçados espaços, que passam a ser segregadas nas margens da cidade. Margens carentes de infraestrutura e recursos de locomoção, e uma segregação que não se finda na dimensão

geográfica, mas se constitui culturalmente, socialmente, entre outras, de cunho ideológico. Onde se é possível manter o controle sobre essas áreas e suas populações, a partir de discursos e representações de um outro geograficamente determinado (VARGAS, 2013).

Esperava-se invisibilizar o elemento negro na cidade, os europeus passavam a ocupar seus territórios, o que contribuiu para o processo de desmemoria, apagando vestígios desse grupo social excluído e ligando-os a condição marginal, “Para a cidade, território marginal é território perigoso (...)” (IBID, p.15).

Entre as décadas de 1930 e 1960, recorte temporal da pesquisa, é possível encontrar permanências do discurso eugenista revigorado no final do século XIX, que acreditava ser possível manter os sujeitos desejáveis (brancos) e eliminar os indesejáveis (negros) da cena brasileira; definindo territórios para brancos e negros (OLIVEIRA, 2013). Desejava-se uma metrópole inscrita em projetos de expansão urbana, de crescente industrialização e branca.

Nesse movimento expropriatório e de segregação as populações negras não foram incorporadas à cidade e seus benefícios; de maneira impositiva passam a habitar cortiços, subúrbios e as periferias, na materialização de uma disciplina espacial. Essa movimentação centro – periferia das populações negras vai marcar um “(...) percurso de deslocamento da pobreza negra em direção às áreas menos valorizadas pelo mercado imobiliário da terra e da habitação (...)” (OLIVEIRA, 2013, p.72). Em áreas que compreendem as extremidades da metrópole, “(...) a população negra da cidade de São Paulo esta distribuída em maior proporção nos extremos das regiões leste, oeste, norte e sul.” (IBID) A dinâmica do processo de ocupação populacional e/ou urbanização do bairro acontece, por tanto, na relação com a cidade de São Paulo.

O bairro de Guaianases esta localizado no extremo leste da periferia da Cidade de São Paulo, região que recebeu significantes contingentes de populações negras e que se constituiu como território negro (ROLNIK, 1989; ANDREWS, 1998; OLIVEIRA, 2013). Mesmo assim, as historias que formam o senso comum no bairro trazem somente europeus como construtores e desenvolvedores do bairro. Por tanto, com o objetivo de perceber e identificar como se constitui o discurso eurocêntrico e hegemônico dentro das representações da história do bairro, que idealiza um “Guaianases europeu”, escolheu-se analisar partes (capa, paginas 1 – 4 e 6) de uma das fontes trabalhadas em minha pesquisa de mestrado; um folder que foi distribuído ao publico em geral, no dia 03 de maio do ano de 2007, em comemoração ao dia que o bairro completava 146 anos.

Todos os anos os dirigentes do poder público local unem-se em prol da realização dos festejos para a comemoração do aniversário do bairro; caracterizados por desfiles cívicos e discursos inflamados de seus idealizadores. No ano de 2007 a dirigente Mara Gianetti, da Diretoria Regional de Educação, produziu um folder que apresenta em sua capa uma foto de parte do bairro de Guaianases.

Imagem 1³ :
Av. Salvador Gianetti, ano de 2007.
(Antiga Avenida XV de Novembro)



Entendendo a fotografia como um documento - fonte histórica, imbuído de informações e significados, e que constitui uma representação de um aspecto da realidade a partir de uma perspectiva, procuramos identificar o discurso em que se pauta a imagem (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987; SANTOS, 2003).

Esta foto do ano de 2007 nos permite vislumbrar a avenida principal de acesso ao bairro, à estação de trem, carros, casas e uma grande igreja. O foco está na dimensão urbana. Ruas largas, bem recapeadas e prontas para receber o progresso trazido pelos carros, ônibus e o transporte ferroviário, presentes na foto, sinalizam um tempo - espaço de transformação, modernidade e desenvolvimento no diálogo com a urbe paulistana. O prédio de maior estrutura na foto é a Igreja de São Benedito, e traz para a imagem o contraste entre tradição e modernidade. A partir de uma possível leitura, percebemos o lugar de destaque que a igreja católica ocupa na imagem, portanto, sob qual fé e/ou instituição ecumênica está submetido o bairro, da periferia da região leste, da cidade de São Paulo.

Além da foto, a primeira página do folder conta com um texto de agradecimento ao autor do poema, exposto nas outras páginas, além da louvação pessoal ao conteúdo do mesmo.

Ao Amigo, Poeta e Pensador, “Carlos Thadeo”, Meu eterno agradecimento pela homenagem dedicada à nossa terra querida, Guaianases; através da arte de criar ícones, de sugerir emoções, por meio da linguagem combinada com significados, que sensibilizam e nos inspiram a recordar e sonhar. Versos de Saudades e de Amor, por esta terra que compartilhamos, agora imortalizados.

A autora desse texto é Mara Gianetti, dirigente regional da Diretoria Regional de Educação do bairro de Guaianases no ano de 2007, que se refere ao bairro como “nossa terra querida”, além de completar seu discurso com palavras que remetem ao saudosismo, como “nos inspiram a recordar e sonhar”, “Versos de Saudades e de Amor”. Numa representação do bairro que remete a um território inspirador, e que incita aos seus antigos moradores, não apenas saudades, mas como o desejo de imortalizar experiências vividas.

Para refletirmos e problematizarmos as representações construídas sobre a história do bairro de Guaianases temos como referencial Benjamin (1989), no objetivo de fazer uma leitura crítica ou a contrapelo da fonte selecionada, na elaboração de novos questionamentos; e Chartier (1990), quando buscamos compreender a construção dos significados e/ou como vai se construindo àquela representação. A partir de inquietações, como: Qual é a linguagem utilizada? Sobre quais argumentos o autor pondera? Quais elementos são trazidos à narrativa? Entre outras.

A parte interna do folder destina-se a publicação de um poema intitulado: “Guaianases Nossa Terra” de Carlos Thadeo⁴, membro da família Thadeo – italiana – que chegou ao bairro na década de 20, onde instalou suas olarias. Com relação ao poema, objetivou-se apreender os sentidos e significados dispostos, pensando como são recuperadas e/ou reelaboradas as histórias e memórias do bairro.

De guerreira tribo da nação Tupi,
Herdaste o nome. (...)

As primeiras linhas do poema nos remetem ao passado indígena do bairro, que tem em seu nome a homenagem aos primeiros habitantes da região; os índios Guaianás. Relegada há um passado remoto, a origem indígena do bairro é contida em duas únicas linhas. A partir disso o poema passa a narrar qual é o sentimento reinante nos antigos habitantes, não os primeiros, daquele território.

És Guaianases, sim, com S.

³ No folder a foto aparece sem créditos ao fotógrafo.

⁴ Assina o poema como: Carlos Thadeo, Poeta e Pensador, nascido em Guaianases.

Com S de simplicidade,
Com S de solidariedade,
Com S de sinceridade,
Com S de saúde,
Com S de Saudade,
Sim saudade, mas não uma simples saudade!
Saudades no plural, (...)

Numa expressão lisonjeira, o autor nos traz a representação de um Guaianases que se constituiu repleto de qualidades, num passado que deixa saudades nos habitantes. Ele evoca no presente, a partir da linguagem poética, uma louvação ao passado. Além disso, os versos compõem uma prosopopeia⁵ ao atribuírem qualidades humanas ao território, identificando-o como sujeito. Guaianases deixa de ser um bairro, em sua inferioridade inanimada, ele é promovido a sujeito. Um sujeito constituído que participa da vida de seus habitantes, fazendo-os mais felizes, completos.

Seguem-se, então, versos que descritivamente passam a listar os objetos dessa saudade, numa perspectiva hegemônica da história do bairro. E ele faz isso sugerindo uma gênese europeia, um Guaianases branco, numa representação que tem grande carga simbólica no reforçamento dos lugares de poder (CHARTIER, 1990).

Da Adega do Teixeira.
(...) Da Chácara dos Radiantes e seus vinhos.
Dos Depósitos 22, São João, Vargas, Diório e Garotão.
(...) Do Zé Turco e Carlito, pioneiros mascates.
Do Correio, do seu João e Dona Didita,
Das vendas do Lulu, do Nucho e do Jacó.
Das Lojas do Nicola, Toninho e Nelson Diório.
Do Jamil, do Valdir, do Renato, do Joanim e do Edgar.
(...) Dos Armazéns do Seu Ditinho, (...) Bozo, Antônio Camargo e Milton Sinnes. (...) e Casa de móveis São João,
(...) Do Padre José Maria. (...) Das pedreiras e das olarias.

O poema traça um contorno positivista e eurocêntrico sobre a cartografia do bairro. Os sobrenomes elencados são de famílias moradoras do bairro desde seus primórdios e que tem sua origem na Europa, são: italianos, portugueses e espanhóis. O autor elege famílias específicas a ícones da história do bairro, associando – as ao desenvolvimento do território quando também cita seus ofícios e as atividades comerciais que mantêm.

Entendendo que representações constroem ideias de realidade ou uma parte dela em detrimento de outras; é possível perceber a intencionalidade do autor. Uma história

⁵ Figura de linguagem caracterizada pela atribuição de características e qualidade humanas a objetos inanimados.

romantizada de imigrantes europeus pobres, que chegados ao bairro vencem. É a representação de uma classe elitista, dona dos meios de produção e serviços no bairro, que deixou saudade. É o evidenciar de um modo de vida hegemônico num bairro, que ser quer branco.

Os versos nos trazem uma memória ou representação da história do bairro que conduz o olhar para a experiência social desses sujeitos, onde o lugar do enunciador constrói um espaço de privilégio. O europeu é o provedor, o dono dos meios de produção, de comércios e serviços. Nisso compõe – se uma cena civilizada que afasta, hipoteticamente, o bairro das representações de vulnerabilidade e violência que os índices sociais insistem em declarar.

A supervalorização do europeu dentro desta representação da história do bairro de Guaianases revisita os ideais nacionalistas, que de modo violento ignorava, desconhecia e segregava as populações negras que, também, faziam parte da demografia desse território nos períodos de maior urbanização, entre as décadas de 1930 e 1960; como já evidenciamos anteriormente (REIS, 2013).

Oh! Quanto dói no peito,
Afastar-me de ti,
Querida terra,
Berço primeiro de meus sonhos,
Alicerce fundamental,
Das primeiras letras,
Primeiros versos e contos.
Por onde quer que ande,
És terra sempre lembrada,
Levo-te no peito encerrada.
Um tesouro ocultado,
Nos dias felizes,
Que na memória trago,
Vividos em meu saudoso Bairro.
Um pequeno e singelo paraíso,
Chamado GUAIANASES.

A última estrofe reafirma a estética romântica do poema, que constrói uma representação hegemônica da história do bairro, apegada a uma manifestação da individualidade definida por emoções e sentimentos vivenciados pelo autor, como a saudade que marca de forma constante a narrativa. Como um relato de vida o poema se mostra costurado por um chamamento individual do coletivo, conclamando subjetivamente a todos os habitantes que partilharem desses sentimentos bairristas.

Assim como o nome do autor do poema esta grafado em caixa alta e da idealizadora do folder em primeira pagina, a ultima pagina intitulada: “AGRADECIMENTOS”, traz o seguintes texto:

IN MEMORIAN ao Deputado Guilherme Gianetti pela autoria da Lei nº 10.772 de 09 de novembro de 1989, que institui o dia do Bairro de Guaianases.

Com o olhar voltado para a construção de ícones, da história do bairro de Guaianases, o folder constrói uma história branca e universalista que é multiplicada e apreendida pela comunidade, no geral, até os dias atuais. Uma história que promove a representação do bairro periférico da Cidade de São Paulo, como o Guaianases europeu.

Referências

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, Set. 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1987000300008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 22 Jul. 2014.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)**. Bauru – SP: EDUSC, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In _____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Para um conceito de História. In _____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – SP: Unicamp, 2003.

MUNANGA, Kabengele.(Org.) **História do Negro no Brasil - O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição**. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

_____. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: 2008.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil: observações sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. In: _____. (Org) **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território.** São Paulo: Alameda, 2013.

REIS, Ingrid P. dos. **A participação da gestão pública de São Paulo em combate as enchentes: Guaianases, um estudo de caso.** In: ANPUH-SP – XXI Encontro Estadual de História, Trabalho, Cultura e Memória. Set. 2012, Campinas. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342297673_ARQUIVO_TextoparaAnpuh.pdf>. Acesso em: 27 Agost.2013.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro).** Rio de Janeiro: Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 - CEEA, Universidade Cândido Mendes, Set. 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890 – 1915).** São Paulo: FAPESP, 2003.

VARGAS, João H. As lutas por territórios negros do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de. (Org.) **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território.** São Paulo: Alameda, 2013.